ISSN 2237-258X

IRACEMA DA SILVA MACHADO CASAGRANDE
ENTRE O SONHO E A REALIDADE: SER PROFESSORA!
Iracema da Silva Machado Casagrande
between the dream and the reality: being a teacher!
Iracema da Silva Machado Casagrande
entre el sueño y la realidad: ¡ser profesora!

Carlos Edinei de Oliveira[1]

Kátia Maria Kunntz Beck[2]

Resumo

Este texto tem como objetivo analisar o significado da trajetória social da primeira professora rural do município de Tangará da Serra – MT, identificando-a como uma das pessoas responsáveis na dinâmica da efetivação da política de (re)ocupação da fronteira agrícola mato-grossense, no caso da localidade de Tangará da Serra, a partir dos anos 60 do século XX. Metodologicamente o texto foi construído com a leitura de fontes escritas (atas e documentos escolares), fontes iconográficas e orais. Foram realizadas e utilizadas entrevistas já gravadas com Iracema da Silva Machado Casagrande. O texto tem como referencial teórico o pensamento historiográfico de Charter (1990) e de Farge (2011), neste contexto foram construídas análises sobre a trajetória de vida de Iracema Casagrande, destacando a sua infância, a sua escolarização, a migração para Mato Grosso, e o fazer-se professora. Conclui-se que, o fazer professora, mesmo sem habilitação, em região de colonização recente de Mato Grosso, foi uma prática comum, que se constituía como um elemento fundamental para a consolidação dos empreendimentos realizados pelos projetos de colonização privados.

PALAVRAS- CHAVE: Colonização recente. Trajetória de vida. Professora rural.

Abstract

This text aims to analyze the significance of the social trajectory of the first rural teacher city of Tangara da Serra - MT, identifying it as one of the people responsible in the execution of the dynamic (re) occupation policy Mato Grosso's agricultural frontier, in the case of the city of Tangara da Serra, from the 60s of the twentieth century. Methodologically text was constructed with the reading of written sources (Acts and school documents), iconographic, and oral sources. Were constructed and used interviews already recorded with Iracema da Silva Machado Casagrande. The text is based on the theoretical framework of historiographical thought Roger Chartier and Arlette Farge, in this context analyzes on the life trajectory of Iracema Casagrande were built, highlighting his childhood, his schooling,

[1] Professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Barra do Bugres. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

[2] Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Mestre em Educação/ Instituto de Educação, PPGE/GEM/UFMT. Professora da Educação Infantil/SEMEC/Tangará da Serra - MT.

migration to Mato Grosso, and do-a teacher. We conclude that the teacher do, even without a license, in a region of recent settlement of Mato Grosso, was a common practice, which was one key to the consolidation of the developments achieved by the projects of private colonization element.

KEYWORDS: Recent colonization. Life trajectory. Rural teacher.

Resumen

Este texto tiene como objetivo analizar el significado de la trayectoria social de la primera profesora rural del municipio de Tangará da Serra-MT, identificándola como una de las personas responsables en la dinámica de efectivación de la política de (re) ocupación de la frontera agrícola mato-grossense, en el caso de la localidad de Tangará da Serra, a partir de los años 60 del siglo XX. Metodológicamente el texto fue construido con la lectura de las fuentes escritas (actas y documentos escolares), y fuentes iconográficas y orales. También, fueron realizadas y utilizadas entrevistas ya grabadas con Iracema da Silva Machado Casagrande. El texto tiene como referencial teórico el pensamiento historiográfico de Roger Chartier y de Arlete Farge, en este contexto fueron construidos los análisis sobre la trayectoria de vida de Iracema Casagrande, destacando su infancia, su escolarización, la migración para Mato Grosso, y el hacerse profesora. Se concluye que, el hacer profesora, inclusive sin habilitación, en región de colonización reciente de Mato-Grosso, fue una práctica común que se constituía como un elemento fundamental para la consolidación de los emprendimientos realizados por los proyectos de colonización privados.

PALABRAS CLAVE: Colonización reciente. Trayectoria de vida. Profesora rural.

INTRODUÇÃO

A construção intelectual

No processo de organização social, as pessoas produzem mecanismos diversos para satisfazer suas necessidades e, para que isto se concretize, são realizadas ações políticas, econômicas, culturais, entre outras. Neste complexo das relações sociais, algumas pessoas se destacam por qualidades singulares frente ao grupo do qual faz parte. Sendo a distinção social destas pessoas estabelecida e permitida pelos próprios pares sociais. Em muitos casos, a identidade destes sujeitos, construída pela configuração e inserção de suas ações, caracteriza-os como intelectuais do seu grupo, da sua comunidade.

O intelectual toma seu lugar na história da comunidade em que está inserido, justamente pelo poder de suas ideias e pela responsabilidade de suas ações. Nesta medida, o intelectual é definido pelo meio social no qual vive ou no qual estabelece sua trajetória social (BOBBIO, 1997). Desta forma, temos como objetivo, neste texto, analisar o significado da trajetória social de Dona Iracema da Silva Machado Casagrande primeira professora rural do município de Tangará da Serra – MT, identificando-a como uma das pessoas responsáveis na dinâmica da efetivação da política de (re)ocupação da fronteira agrícola mato-grossense, no caso da localidade de Tangará da Serra, a partir dos anos 60 do século XX.

A dinâmica da expansão da fronteira em Mato Grosso nos anos 60 não estava apartada da política nacional de ocupação dos considerados “espaços vazios” da política getulista,

denominada de "Marcha para o Oeste". Porém, nos anos 60, com o discurso desenvolvimentista brasileiro e a política agrária adotada pelo Estado de Mato Grosso, o movimento de migração para a região Centro-Oeste foi incentivado e efetivou-se de uma forma intensa.

Esta migração fez surgir em Mato Grosso, já no final dos anos 50, novas localidades rurais, das quais, algumas foram transformadas em cidades, posteriormente. Este é o caso de Tangará da Serra[3], que teve sua emancipação político administrativa em 1976, embora o seu projeto de colonização seja de 1959 (OLIVEIRA, 2004). Este projeto de colonização [3]se concretizou principalmente pelo efeito da propaganda realizada pela Sociedade Imobiliária Comercial Tupã para Agricultura (SITA), no interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais e no norte do Paraná.

Movida pelos incentivos da propaganda da terra fértil em Mato Grosso, Iracema da Silva Machado Casagrande migrou, na companhia de seu esposo, em 1963, para a localidade rural próxima a Tangará da Serra, denominada Reserva.

> A Reserva era uma das comunidades rurais mais povoadas de Tangará da Serra nos anos de 1970 e distante aproximadamente 10 km do núcleo urbano de Tangará da Serra. O P. José Aleixo Kunraht em seu recenseamento realizado em 1966, mais precisamente no dia 13 de outubro de 1966, destaca que na localidade rural denominada Reserva, havia 33 famílias legítimas, sacramentadas pelo matrimônio conforme a doutrina da Igreja Católica e 12 famílias ilegítimas, ou seja, os casais não eram casados no religioso (OLIVEIRA, 2009, p.122).

O meio social no qual Iracema da Silva Machado Casagrande se instalou era uma comunidade rural formada por 45 famílias, com um total de 263 habitantes. Essas famílias eram procedentes de São Paulo, Minas Gerias, Espírito Santo e Paraná. Economicamente, a população vivia da produção de café, arroz, milho, feijão e amendoim, realizada em pequenas propriedades. Em sua maioria, os habitantes da Reserva não eram proprietários de terras. Cerca de 80% das famílias viviam na condição de agregados de outras famílias proprietárias.

O recenseamento realizado pelo padre jesuíta José Aleixo Kunraht em 1966 aponta alguns problemas sociais que envolviam a comunidade da Reserva, segundo Oliveira (2009, p.122): "[...] o documento em análise aponta problemas sociais como mortalidade infantil, por falta de higiene e assistência médica. E um índice alto de analfabetismo, pois da população solteira, 50 pessoas entre 7 e 40 anos não sabiam ler, sendo 13 do sexo masculino e 37 do sexo feminino".

Percebe-se que a empresa colonizadora SITA não cumpriu com o prometido, pois ao divulgar o espaço a ser reocupado atraindo migrantes para garantir a eficácia do projeto da empresa, evidenciava-se que poderiam estabelecer a presença e a permanência do homem no campo, pois seu futuro e de sua família estariam garantidos nas terras férteis da região de Barra do Bugres, pois além de uma boa produção agrícola, teriam outras condições favoráveis, tais como, a existência de uma escola próxima para seus filhos. A existência da escola, mesmo que de forma improvisada, era um indicativo de prosperidade para as famílias.

Em regiões de colonização recente em Mato Grosso, como foi o caso de Tangará da Serra, existia muita carência de profissionais habilitados para as mais diversas funções. A migração que ocorreu para esta região do sudoeste do Estado foi caracterizada como migração

[3] O projeto de Colonização de Tangará da Serra foi realizado pela Sociedade Imobiliária Comercial Tupã para Agricultura (SITA). Trata-se de uma empresa privada, cujos proprietários eram paulistas da cidade de Tupã – SP.

rural-rural, ou seja, as famílias que se estabeleceram nestas localidades são procedentes de espaços rurais de diferentes Estados do Brasil e, em sua maioria, não tinham muita instrução.

Ter instrução, ou seja, ter alguma forma de escolarização era uma das características para a produção da distinção social entre os membros da comunidade. O instruído seria o porta-voz do povo, o responsável pelas leituras, pelas interpretações e, em alguns casos, pelas orientações aos parceiros da vida rural.

Nesta perspectiva, com a proposta de conduzir os trabalhos de ensinar as crianças, os filhos de lavradores da região da Reserva, que Iracema Casagrande foi escolhida para ser a professora da localidade:

> O trabalho no magistério de Iracema da Silva Machado Casagrande começou no dia 18 de junho de 1965, dia em que foi empossada no cargo de professora da Escola Rural Mista Municipal "Santo Antônio". A escola foi construída na propriedade de Antônio Galhardo, cunhado de dona Iracema. Era um rancho feito de coqueiro, coberto de tabuinha. Dentro da sala, um pequeno quadro negro e bancos escolares feitos de madeira rústica. Mesmo sendo de uma estrutura precária, o prefeito municipal de Barra do Bugres, foi até a escola, na data citada acima, para realizar sua inauguração (OLIVEIRA, 2009, p. 123).

Ao ser escolhida como professora pela comunidade, formada por proprietários rurais, Iracema Casagrande vê-se com a responsabilidade social de aprender a ser professora. Porém, uma vez dada a atribuição de professora a uma dona de casa, começa a garantir-lhe alguma distinção social. Assim, Iracema Casagrande passa a ser denominada Professora Dona Iracema.

Iracema Casagrande, para a comunidade da Reserva, tinha a identidade de professora e, sua formação de concluinte da 4ª série do ensino primário, apenas, não era questionada. O importante para os habitantes do lugar era a existência da escola e o empenho da professora em ensinar seus filhos a ler, a escrever e a contar. Iracema Casagrande era considerada responsável pelo ensino das primeiras letras aos filhos de trabalhadores e, para as famílias, isto era a garantia de um futuro próspero.

Ser professora no espaço rural de Mato Grosso, nos anos 60 e 70, e, principalmente, ser professora em comunidades pequenas e rurais, era exercer diversas funções, como a de ser líder responsável pelas atividades religiosas católicas da comunidade. Conforme aborda Almeida (2005, p. 292), "Vocação, sacerdócio, altruísmo, abnegação, renúncia, serenidade, senso de justiça, amor materno, idealismo constituem-se em discursos que se misturam, se confundem e instituem a profissão". Todos são amplamente difundidos pelos dispositivos da época, que interpelam os professores com maior ou menor intensidade .

A professora Dona Iracema Casagrande fez-se professora da Escola Rural Mista Municipal "Santo Antônio" [4] por um período de 18 anos e sua ação enquanto professora, e seus desdobramentos, conferiu-lhe distinção social necessária para sobressair diante da comunidade da qual representava. Sua ação educativa auxiliou para que efetivasse o movimento de colonização privada de Tangará da Serra.

Para entendermos o percurso realizado por Iracema Casagrande, fez-se necessário analisar sua trajetória de vida. E, para tanto, construir uma "história cimentada pela fala", como destaca Farge (2011, p.59):

[4] Escola municipal localizada na Reserva.

> o relato engole forçosamente as palavras dos homens para dar forma a uma aventura humana que se desdobra através do tempo. O sentido e o conhecimento se dizem então pelo escrito do historiador encarregado de classificar e de isolar os fatos, de devolvê-los a uma eventual coerência que provoca a inteligência do passado para o leitor (FARGE, 2011, p. 59).

Desta forma, este texto foi produzido com o cruzamento das fontes escritas (documentos escolares, ata de criação da escola), com as fontes iconográficas e com as fontes orais. Estas últimas tratam-se de entrevistas realizadas diretamente com Iracema Casagrande e/ou de acervos de arquivos do Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral de Tangará da Serra (NUDHEO -TS) e da Sala de Memória de Tangará da Serra.

Pensar a trajetória histórica de Iracema Casagrande é compreender alguns fatores necessários para a análise do Brasil contemporâneo. Uma das questões a considerar era a falta de apoio estatal aos migrantes que (re)ocuparam Mato Grosso na segunda metade do século XX. Os migrantes foram responsáveis por organizar os novos espaços. Com o Estado ausente, a população se obrigou a resolver, à sua maneira, muitas situações, e, entre estas, a criação e funcionamento de escolas e a seleção de professores.

Em contrapartida, a não formação do professor, mesmo contrário à vontade dele, faz com que ocorra uma reprodução, no efetivo trabalho do profissional, das diretrizes estabelecidas pelas elites dominantes, pois o profissional pode não ter experimentado a possibilidade de pensar o conhecimento de uma maneira mais crítica. Nesta medida, o intelectual de sua comunidade, pode marcar com suas atitudes a manutenção da estrutura conservadora da sociedade brasileira, contribuindo com a efetivação do *status quo* social.

Nesta medida, apresentaremos a seguir a construção da história de Iracema Casagrande. O significado desta história, não passada pelo silêncio, mas, pelas lembranças de muitas pessoas que conviveram com Dona Iracema e, sobretudo, marcadas por suas memórias. Memórias que resistirão ao tempo, pois "as falas não são passadas sob silêncio, mas passadas sob o revestimento diligente da escritura historiadora" (FARGE, 2011, p.61).

Memórias de Iracema: as brincadeiras e os primeiros anos escolares

Ainda menina, com os seus dez anos de idade, na cidade de Pitangueiras/SP, em meio às brincadeiras de criança (casinha, boneca, roda e escolinha, incentivada pelas amigas) nasceu o sonho de ser professora no coração da menina Iracema.

Iracema gostava de brincar de casinha,

> [...] pegava aqueles caquinho de caco que quebrava de prato, de uma coisa ou outra, arrumava as prateleirinha, colocava os caquinho, fazia a casinha, brincava ali, fazia a comidinha (risos), tudo de mentirinha [...] gostava muito de boneca (risos), sempre tive boneca pra brinca (CASAGRANDE, 2014).

Gostava de brincar sozinha, pois seu irmão era mais novo, "ele não sabia brincar (risos)" (CASAGRANDE, 2014). Quando era possível, ia à casa de uma colega para brincar. Ela tinha primas e, juntas, divertiam-se criando e recriando brincadeiras. Geralmente, as primas chamavam Iracema para brincar,

> [...] elas falavam: a Iracema é a professora (muitos risos). Sempre eu era a professora. Aí eu dava aula (risos) do jeito que a minha professora dava aula, então eu fazia (risos) com minhas amigas ali (risos). E nós brincávamos assim, pegava aqueles pedaço de giz que trazia da escola e amarrava lá uma tábua pra gente

> escreve e ali a gente fazia, estava brincando de escolinha. Brincava de escolinha, é... nem todo mundo gostava de brinca de escolinha, outros gostava de brinca de boneca, não sei o que, mas essa casa que eu ia, que eu me dava muito com a menina da casa e ela tinha as prima dela, ela mesmo gostava de brincar de escolinha, então a gente combinava [...] (CASAGRANDE, 2014).

Percebe-se a brincadeira como linguagem da criança para compreender o mundo, bem como recriá-lo e, por sua vez, a infância como uma condição da criança, sendo:

> o conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, reconhecê-las como produtoras da história (KUHLMANN JR, 1998, p. 31).

A partir das experiências vivenciadas através das brincadeiras na infância, a menina Iracema foi alimentando o sonho de ser professora na vida adulta, *sei que há um lugar onde eu quero estar, ver a fantasia se realizar*[5] "é, eu sempre pensava, se eu pudesse estudar, me formar... porque naquele tempo era tudo pago, [...] pra estuda, pra se forma, tudo era pago, tudo, tudo, tudo... era pago, então eu sonhava assim, eu tinha vontade, mas sabia que eu nunca alcançava" (CASAGRANDE, 2014).

Para a criança Iracema, o fato de brincar de escolinha a projetava no tempo, fazendo com que realizasse instantaneamente seu sonho e o seu desejo de ser professora, provavelmente, inspirada nas professoras que teve nos primeiros anos escolares. Iracema não sabia que essas brincadeiras inventadas na infância um dia se tornariam práticas inventadas de uma professora, como poetiza Manoel de Barros: "[...] acho que o quintal onde a gente brincou é maior que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas" (BARROS, 2008, p. 59).

Iracema iniciou sua vida escolar aos nove anos de idade, "meu pai era carpinteiro, trabalhava numa firma e minha família sempre morou na cidade, eu fui nascida e criada na cidade" (CASAGRANDE, 2014), pois em Pitangueiras/SP tinha apenas um Grupo Escolar, poucas turmas, o que tornava difícil encontrar uma vaga, além de sua família não priorizar a procura por vaga para matricular a filha na escola. Conseguiu ser matriculada na primeira série, em 1937, através da ajuda do casal de serventes da escola que eram compadres de sua mãe. Entre suas lembranças, recorda que gostava de estudar, era dedicada e conseguiu passar para a segunda série no ano de 1938, ano em que também teve sucesso e seguiu para a terceira série, porém, em meados de 1939, ficou doente,

> [...] esfolei aqui atrás do calcanhar, tem até a marca ali, até hoje tem o sinal, saiu uma ferida feia ali sabe, eu fiquei sem poder quase nada, eu perdi... e aquele tempo não é que nem hoje que a gente compra os livros de ponto que fica fácil pra estuda. A lousa daquelas compridas que era dessa porta na outra, daquelas lousona grande, sabe. Então a professora enchia assim pra lá e pra cá... e a gente tinha que copiar todo aquele ponto e estudar, era assim... era mais difícil, era mais diferente, né. Eu perdi muito, né, por causa do pé que eu faltei. Eu precisei faltar. Então naquele ano, foi o ano de 39, então aquele ano eu repeti a terceira série (CASAGRANDE, 2014).

[5] Música: Nunca deixe de sonhar (Rouge).

Em 1940, concluiu a terceira série. No ano seguinte, sua família mudou da cidade de Pitangueiras para Rinópolis, ambas no estado de São Paulo, porém, Rinópolis era um lugar novo que estava começando, uma cidadezinha pequena, como uma vila e, quando mudaram para lá, ainda não tinha escola, "aquele ano de 1941 eu perdi, quando foi no ano de 1942, nós mudamos da cidade de Rinópolis pra Birigui, aí eu fiz uma quarta série bem feita" (CASAGRANDE, 2014). Quando chegou a época da colheita do algodão, a família de Iracema foi trabalhar em um sítio, mas seu pai concordou em deixá-la na casa de uma família conhecida na cidade. A família acolheu a menina Iracema para que ela pudesse concluir a quarta série. Iracema era uma aluna dedicada, "[...] eu gostava muito, viu? Nossa como eu gostava de estudar. Quando eu era criança, nossa! Eu gostava de ir à escola. [...] eu tinha facilidade pra aprender, graças a Deus. Tinha muita vontade de estudar. Aí eu aprendi" (CASAGRANDE, 2014). Lembra Iracema que estudavam português, matemática, história, geografia e ciências, copiavam no caderno tudo o que a professora passava no quadro e tinham que estudar muito. Às vezes, levavam tarefa para casa,

> [...] a gente tinha que estudar os ponto pra no dia seguinte saber de cor (risos), muitas vezes era isso. No dia seguinte era um ponto pra várias alunas (risos), cada uma falava um trechinho, então cada uma falava um trecho. Ficava em pé e a gente tinha que tá com a atenção porque quando aquela parava, ela falava: fulana, aí tinha que levantar e continuar lendo o ponto. Pois é minha filha, primeiro o estudo era mais, como é que fala, era mais rígido, mais exigente (risos). E hoje em dia tá tão fácil né, criança as vezes faz a primeira, segunda, terceira e a quarta série, não sabe nada, não é verdade? Muitas coisa que deve sabe, não sabe, né? Não é mesmo? (CASAGRANDE, 2014).

Depois de concluir a quarta série em 1942, Iracema não deu continuidade aos estudos, pois sua família não tinha condições financeiras para mantê-la na escola. Nesse momento, a menina professora se deparou com a triste realidade, seu sonho ficaria na imaginação e se concretaria somente nas brincadeiras de infância.

Mesmo ainda criança, a menina Iracema construiu significados do que seria "ser professora" para ela, "falava meu Deus, meu pai era uma pessoa que não podia, naquele tempo o estudo era tudo pago, tudo pago, pago mesmo. E eu não tinha condições de estudar, tinha aquela vontade de ser alguma coisa, de estudar, mas [...]" (CASAGRANDE, 2014). De acordo com as práticas vivenciadas fez a sua própria leitura e demonstrou, como sujeito produtor de história e de cultura, sua capacidade de fazer, desfazer e refazer coisas.

Memórias de Iracema: novos espaços para viver, novas formas de fazer

No dia 28 de agosto de 1947, a jovem Iracema casou-se com Desidério Casagrande, na cidade de Rinópolis e foram morar em uma fazenda, onde trabalhavam na lavoura de café, "Quando nós casamos ele tocava 4 mil pés de café sozinho" (CASAGRANDE *apud* VILALVA; MIYAZAKI, 2013, p. 168). Algum tempo depois, seu marido quis mudar de cidade para ficar mais perto dos parentes dele e foram morar no sítio da sogra do seu cunhado Antonio Casagrande, irmão do seu marido. Viviam da lavoura, cuidavam da plantação de café, de feijão e de arroz. Desde que casaram até esse período tiveram seis filhos: Álvaro,

Ailton, Adelson, Aparecida, Terezinha e Adalto. O sítio onde moravam "pertencia a Monte Castelo, Tupi Paulista [cidades de São Paulo], por ali assim. [...] em conversa de homem pra homem, falaram pra ele desses terrenos em Mato Grosso, que eram bons, que a terra era muito boa, água boa e que dava para fazer formação de café" (CASAGRANDE *apud* VILALVA; MIYAZAKI, 2013, p. 160). Então, em 1960, Desidério Casagrande veio com o seu irmão Antonio Casagrande, com o seu cunhado Antonio Galhardo e algumas outras pessoas conhecer o lugar que encontrava coberto com a vegetação natural. Gostaram e compraram cada um o seu sítio no lugar denominado Reserva, uma comunidade rural, próxima à localidade de Tangará da Serra, "[...] eram vizinhos um do outro, alguém pegou para derrubar que eles pagaram para derrubar, gente daqui. A pessoa queimou e derrubou no tempo certo" (CASAGRANDE *apud* VILALVA; MIYAZAKI, 2013, p. 169). A partir desse momento, passariam a trabalhar na sua própria terra para, tempo depois, colher os frutos do esforço de toda a família para o seu próprio sustento.

Em outubro de 1963 foram de mudança de São Paulo para Mato Grosso. Chegando ao *centro oeste brasileiro,* perceberam *um rincão hospitaleiro*[6], o destino era a localidade de Tangará da Serra, que pertencia ao município de Barra do Bugres; a família do senhor Desidério Casagrande, a família de seu irmão Antonio Casagrande, a família do seu cunhado Antonio Galhardo e mais algumas famílias de empregados dele.

Dona Iracema Casagrande, como ficou conhecida na comunidade da Reserva, veio contrariada, pois sabia que iria morar no sertão[7] e a distância de seus pais e irmãos seria muito grande. Sem saber quando os veria novamente, seguiu triste acompanhando o seu marido com seus seis filhos, o mais velho tinha quinze anos e o mais novo, um ano e meio. "Vim conhecer o sertão, que era sertão mesmo, só tinha uns rancho, tudo feito de madeira. Ou era madeira de pau partido ou era de coqueiro, as casas. Não tinha nada, minha filha, não tinha nada" (CASAGRANDE apud VILALVA; MIYAZAKI, 2013, p. 161).

Levaram oito dias de viagem, paravam para comer, tomar banho no rio, quando encontravam, e para dormir. Chegaram ao escurecer "que triste, vê! Você não via nada, aquela coisa esquisita, triste, triste mesmo, viu? Para as poucas pessoas que moravam aqui, era a maior alegria quando chegava uma mudança. [...] não era cidade, era, que nem eles diziam, era uma currutela" (CASAGRANDE apud VILALVA; MIYAZAKI, 2013, p. 161, 162).

Para dona Iracema, o começo foi muito difícil, sentia falta das coisas que fazia, das coisas que tinha, dos costumes, lembrava da família que deixou no Estado de São Paulo. Parecia que tinha saído de um mundo e estava em outro, *que bom se a gente pudesse arrancar do pensamento e sepultar a saudade na noite do esquecimento, mas a sombra da lembrança é igual a sombra da gente, pelos caminhos da vida ela está sempre presente*.[8]

Trouxeram na mudança somente os móveis e os utensílios indispensáveis. Entre estes utensílios, estavam a máquina de costura, o guarda-roupa e o rádio, além de muitos mantimentos, pois sabiam a dificuldade que enfrentariam para comprar alimentos e remédios. Quando chegaram ao sítio, não tinham onde ficar, então,

> [...] eles fizeram uma armação, fincaram uns paus e foram armar os encerados. [...] Aquele tempo chovia bastante e eu ficava desesperada, vai chover e vai acabar com o pouco que a gente trouxe. Mas graças a Deus deu tempo de guardar as coisas

[6] Música: Cuiabá de Tião Carreiro & Pardinho.
[7] Sertão, como era denominado a região de Mato Grosso pelos migrantes dos anos 60 e 70 do século XX.
[8] Música: A mão do tempo de Tião Carreiro & Pardinho, uma das músicas que dona Iracema Casagrande ouvia no rádio.

> embaixo do encerado. Quando vinha a chuva, minha filha, aquela enxurradona que vinha, a gente tinha que levantar e erguer a cama para a enxurrada passar. É, foi difícil. Aí construíram um rancho, um rancho feio, de madeira de pau partido, não foi de coqueiro, foi de pau partido. Fez uma peça pequena, uma coisa pequena lá, tinha quatro peças, mas todas pequenas. Essa foi feita provisória. [...] depois fez um casarão grande, mas de madeira de coqueiro. Tinha serraria, mas não estava tendo condições de fazer uma casa de madeira. Aí fez um casarão, tinha duas salas, tinha três quartos, tinha cozinhona, mas tudo de madeira de coqueiro. Ah, como se diz, o costume da gente não mudou, foi sempre o mesmo. O mais velho ajudava o pai na roça, ele tinha 15 anos, não tinha assim muito aquela vocação de roça, mas sempre ajudava um pouco. Eram quatro filhos homens que eu trouxe e duas mulheres. Aqui nasceram mais dois filhos, a Maria José e o Adalberto, o mais novo que morreu com um ano e pouquinho, que aqui não tinha recurso, deu hepatite aqui e não teve jeito (CASAGRANDE apud VILALVA; MIYAZAKI, 2013, p. 162, 163).

Percebe-se que mesmo diante de um espaço totalmente diferente do que tinham antes, os costumes deveriam permanecer os mesmos, como se assim pudessem trazer um pouquinho da realidade vivenciada anteriormente. As representações que tinham do novo espaço aos poucos foram sendo transformadas e resignificadas, dando espaço para a construção de novas formas de fazer.

Antes de começar a plantar, tiveram que preparar a terra, Desidério, seu irmão Antonio e os filhos, que tinham entre quinze e treze anos de idade, todos trabalhavam. A primeira planta foi de arroz, que teve um bom crescimento. Somente depois de dois ou três anos plantando arroz, é que começaram a plantar café, pouco a pouco, ano após ano e chegaram a formar 35 mil pés de café, "os maiores plantios da época de café foram para o lado da Reserva. Antes de chegar no Sepotuba, depois do Pé-de-galinha começa um baixadão. A terra mais apropriada para o café é onde tem os baixadões, que, no tempo da seca, nesses lugares é mais úmido" (AVELINO FILHO apud VILALVA; MIYAZAKI, 2013, p. 45).

De sol a sol vivem trabalhando, tirar o leite, arrancar mandioca, plantam e colhem com o suor do rosto[9], pouco a pouco criaram galinha, porco e vaca de leite. Para o sustento da família, colhiam na roça arroz, feijão, café, mandioca, batata doce, cana e mamão. Dona Iracema, que gostava de ouvir música no rádio, levantava às cinco horas da manhã para ouvir os cantores preferidos: Tião Carreiro & Pardinho, Teixeirinha e Tonico e Tinoco, "quando eu morava lá eu tinha rádio, eu assistia todas as músicas de São Paulo, aquelas músicas caipira de São Paulo mesmo, da capital, né! [...] quando eu vim pra cá eu trouxe o rádio e aqui eu ouvia a rádio Nacional de São Paulo (risos)" (CASAGRANDE, 2014).

Os caminhões carregados com móveis, utensílios domésticos, plantas ornamentais, animais domésticos, homens, mulheres e crianças de diferentes idades foram chegando de tempo em tempo. Novas famílias, novas amizades e as crianças foram aumentando na comunidade da Reserva. No sítio Colônia Santo Antonio, pertencente a Antonio Galhardo, a comunidade da Reserva se organizou para conseguir uma escola para que seus filhos pudessem estudar próximo de suas casas.

Memórias de Iracema: a surpresa da realização do sonho de infância, enfim, ser professora

Conforme os depoimentos de vários migrantes, eles relatam que a comunidade rural da Reserva foi se formando com a chegada de várias famílias que possuíam filhos em idade

[9] Música: O Colono de Teixeirinha, um dos cantores preferidos de dona Iracema Casagrande.

escolar, que, inclusive, já estudavam nos Estados de origem e que, pelas dificuldades encontradas no novo espaço, estavam sem frequentar a escola desde que chegaram. Para alguns, a continuidade escolar foi interrompida e, para outros, nem iniciou. Resolveram, então, mobilizar-se para solicitar a criação de uma escola no espaço rural para que os filhos pudessem dar continuidade aos estudos, já que a distância entre a comunidade rural e o espaço urbano onde se localizava a Escola Rural Mista de Instrução Primária de Tangará da Serra (criada pelo decreto nº. 813 de 04 de julho de 1964, publicado em Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, no dia 04 de setembro de 1964) era de aproximadamente 10 km, tornando-se impossível a frequência dos alunos pertencentes à comunidade rural da Reserva, considerando a distância e a dificuldade de acesso, pois teriam que caminhar na mata para chegar até a escola e correr os riscos que o ambiente proporcionava. A representação da escola para as famílias migrantes era símbolo de futuro próspero promissor, já que muitos pais e mães eram analfabetos. Desta forma, uma vez que não tiveram a oportunidade de estudar, esses pais queriam garantir aos filhos a possibilidade de estudo e sucesso na vida.

O Sr. Antonio Galhardo, representando as famílias da comunidade da Reserva, em 1965, procurou pelo Prefeito Municipal de Barra do Bugres, o Sr. Wilson de Almeida, na época, para solicitar a criação de uma escola no espaço rural, argumentando sobre a quantidade de crianças na comunidade que estavam sem estudar e, em contrapartida, ofereceu um espaço no seu sítio para a escola funcionar, "[...] Seu Wilson de Almeida que hoje é falecido, conversou com ele e ai eles vieram na Reserva e ali foi inaugurada uma escolinha, no ano de 65 foi dia 18 de junho de 1965, foi criada a primeira escolinha ali na Reserva com 18 crianças" (CASAGRANDE, 2014).

Fruto das mãos e lutas dos migrantes, foi criada oficialmente a segunda escola da localidade de Tangará da Serra, no dia 18 de junho de 1965, a qual recebeu o nome de Escola Rural Mista Municipal Santo Antônio, localizada na comunidade da Reserva, em espaço rural, sendo a primeira escola pertencente à rede municipal.

Na Ata de Instalação da Escola Rural Mista Municipal Santo Antonio, a segunda escola pública criada, porém, a primeira escola municipal na localidade de Tangará da Serra, consta que o prédio destinado a funcionar a escola foi construído pela comunidade no sítio Santo Antonio, na Reserva, em propriedade do senhor Antonio Galhardo, o qual cedeu o espaço para o funcionamento da escola. Consta, também, a nomeação da senhora Iracema da Silva Machado Casagrande ao cargo de professora da escola, além da presença do prefeito municipal de Barra do Bugres, o senhor Wilson de Almeida, o senhor Antonio Hortolani, gerente da colonizadora SITA, o senhor Flávio Farias, secretário da prefeitura, o senhor Antonio Galhardo, proprietário do sítio cedido para o funcionamento da escola, o senhor João Cândido Lira, professor estadual em Nova Olímpia[10] e grande número de famílias migrantes que pertenciam à comunidade da Reserva.

Percebe-se a participação efetiva da comunidade rural na conquista da criação da Escola Rural Mista Municipal Santo Antonio, no dia 18 de junho de 1965, às 10h, data que passou a funcionar a escola na comunidade para os 18 alunos existentes. Aos poucos, o número de alunos foi aumentando chegando ao total de 80 alunos, sendo 40 no período matutino e 40 no período vespertino. Desafio para a senhora Iracema da Silva Machado Casagrande, professora leiga que foi "apontada", como diz ela, pela comunidade para ser a professora da escola, pois era a única que tinha estudado até a 4ª série do ensino primário, conforme a Lei 4.024/1961. Na localidade,

[10] Nova Olímpia era uma comunidade rural pertencente ao município de Barra do Bugres, próxima a Serra do Tapirapuã.

> apontaram pra mim pra da aula por que só eu tinha até a 4º série, e os outros ninguém tinha nada. Eu comecei a dar aula sem saber como começava (risos). Porque eu nunca tinha dado aulas né? Não tinha preparação, ai o que eu aprendi, o que eu sabia que eu tinha só até a 4ª série né? Minha 4ª série fiz no ano de 42, ai o que eu aprendi, o que eu sabia na escola, o que eu aprendi desde a primeira série, eu comecei a ensinar para minhas crianças. [...] eu tinha muitos cadernos guardados escritos , tinha livros que eu guardei , no meu tempo em que eu estudei ainda, né? Ai eu comecei assim , o que vinha na cabeça , era o que eu ensinava as crianças , era tanto que criança minha de 1º série, quando eles passavam pra 2ª série , eles já sabiam completo o A B C, já sabiam formar sentença, faziam ditado, 1ª série eu já ensinava assim, então, eu fiz coisas muito forte , mas o que deu para eles aprenderem eles aprenderam e assim foi [...] (CASAGRANDE, 2006).

As dificuldades da professora nomeada não eram apenas de cunho pedagógico, por não ter a formação adequada na época, mas estavam associadas à falta de pagamento do seu salário por um período de aproximadamente um ano, à estrutura física da escola e, também, à escassez de recursos humanos na escola. Pois, ao longo dos 18 anos naquela instituição escolar, Dona Iracema Casagrande atuou como professora, diretora, secretária e serviços gerais, contando sempre que necessário com a ajuda da comunidade.

Percebe-se que o trabalho na roça e o estudo eram valorizados, talvez, na mesma intensidade por algumas famílias, pois, para alguns, os filhos, ao chegarem da escola, deveriam ir direto para a roça ajudar a família na labuta, Dona Iracema comenta:

> Às vezes tinha um que falava: Há, a senhora ensinando continha pro meu filho tá bom! Ele sabendo fazer a continha, tá bom! Mas não é assim, ele tem que aprender mais! Ele tem que aprender: a ler, a escrever, ter conhecimento das coisas, de História , Geografia, essas coisas assim...É bom ele ter um pouco de conhecimento né? Eles achavam que se aprendesse a "fazer as contas"(riso) já tava bom! Mas nunca eles achavam ruim o que eu fazia, nunca (CASAGRANDE, 2006).

O fato da qualidade do ensino não era colocado em discussão, mas a existência da escola como espaço próprio de desenvolvimento, sim (OLIVEIRA, 2009). Através dessas vivências relatadas pelos migrantes, pode-se reconhecer o que Chartier (1990) discorre quando afirma que as representações podem ser pensadas como "[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado" (CHARTIER, 1990, p. 17). E também compreender o que Nóvoa (2002) enfatiza ao dizer que a escola e suas práticas são espaço de representações constituídas socialmente, por isso, merecedoras da valorização do compromisso social com a educação.

Sem esperar a realização do sonho de infância, dona Iracema Casagrande se surpreendeu ao perceber que se tornaria professora,

> É, eu tinha objetivo de ser professora um dia, mas nunca pensei que iria alcançar esse objetivo e aqui em Mato Grosso alcancei, por falta de professoras comecei a dar aula sem experiência pra dezoito alunos, porque precisava, os filho dos empregado do meu cunhado precisavam de estudar, meus filhos precisavam de estudar e eu comecei a ensiná-los assim sem experiência e foi que o seu José Nodari que era inspetor e ele vinha de vez em quando aqui e ele veio aqui com sua filha Ivone e me deram muitas explicações no final do ano de 65 e aí eu e continuei a dar aula (CASAGRANDE, 2006).

Passado algum tempo, dona Iracema Casagrande realizou também o desejo de dar continuidade aos estudos que foram interrompidos ainda quando criança. Quem imaginaria que, "depois de casar, depois de muitos anos de casada que eu fui conseguir fazer o segundo grau. Você vê?" (CASAGRANDE, 2014).

Além da pequena comunidade rural da Reserva conquistar a criação da escola para que seus filhos pudessem estudar, dona Iracema Casagrande realiza os desejos de estudar e ser professora, *como são belos os dias, o céu um manto azulado, o mundo um sonho dourado, a vida um hino d' amor*[11]*...*

> Sou, sou muito feliz, eu vim pra cá contrariada jovem não gostava de vim pra cá porque eu pensava que era sertão, eu nunca tinha me afastado da minha família, de fato que meus parentes ficaram todos no estado de São Paulo, somente eu vim pra cá com a família do meu marido e eu sentia muita falta. Mas hoje eu sinto orgulho de estar aqui em Tangará porque aqui eu alcancei meu objetivo que eu queria, gostava de estudar tinha vontade de ser professora, mas sabia que minhas condições não podiam, que lá era difícil até ginásio era pago no tempo que eu estudei não é como hoje que é tudo do governo, até 2º grau hoje tem facilidade para estudar, e eu vim pra cá depois dos 50 aqui alcancei o objetivo que eu queria, uma coisa que eu gostei muito, sempre gostei de dar aula, mas nunca pensei que eu ia alcançar isso aqui (CASAGRANDE, 2001).

A comunidade sempre foi unida, uns ajudavam aos outros. Os pais dos alunos participaram da construção da escola, "casa de barro, uns fala barrote [...] aquelas casinha, tipo de rancho. [...] um pai de criança fez um fogão de barrotinho, um fogão sabe de terra assim. Com tijolo e barro, porque não tinha cimento. Eu sei que ajeitou lá, e tinha um que fez um cobertinho, e ali a agente fazia a merenda. [...] com aquela força de vontade, todo mundo trabalhou, fez, ajudou" (CASAGRANDE, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como intelectual, a primeira professora rural do município de Tangará da Serra, Dona Iracema Casagrande, como ficou conhecida na comunidade da Reserva, construiu sua trajetória social como uma das pessoas responsáveis na dinâmica da efetivação da política de (re)ocupação da fronteira agrícola mato-grossense, a partir dos anos 60 do século XX.

Sua história de vida, recontada através de memórias despertas, onde *começou a ver de novo as pobres coisas do chão,* são vivências que teceram sentido, significado e evidenciaram momentos de sua infância, de sua escolarização, do período de migração para a região Centro Oeste do Brasil, bem como, do fazer-se professora. Alguns momentos da sua vida *ajudaram a compor essas memórias, colaboradores destas memórias* despertas *e doadores de suas fontes*[12].

[11] Estrofe da poesia: "Meus oito anos", do poeta Casimiro de Abreu. Uma das poesias escritas no caderno de Iracema Casagrande, habilitação em Magistério, Projeto Logos II – 1981-1982.

[12] A escrita em itálico refere-se à poesia Fontes de Manoel de Barros que compõe o Livro: BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

Dona Iracema Casagrande passou do sonho à realidade: fez-se professora, tinha a identidade de professora, sua formação, de apenas concluinte da 4ª série do ensino primário, não era questionada pela comunidade da Reserva. O importante para os habitantes do lugar era a existência da escola e o empenho da professora em ensinar seus filhos a ler, a escrever e a contar. A impossibilidade da formação profissional, mesmo contrário à vontade dele, faz com que ocorra uma reprodução, no efetivo trabalho do profissional, das diretrizes estabelecidas pelas elites dominantes, pois o profissional pode não ter experimentado a possibilidade de pensar o conhecimento de uma maneira mais crítica.

Fazer-se professora, mesmo sem habilitação, em região de colonização recente de Mato Grosso, foi uma prática comum, que se constituía como um elemento fundamental para a consolidação dos empreendimentos realizados pelos projetos de colonização privados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. *As Primaveras*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1959.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A educação rural como processo civilizador. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (orgs.). *História e memórias da educação no Brasil*. Vol III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CASAGRANDE, Iracema da Silva Machado. Iracema da Silva Machado Casagrande: depoimento [maio, 2001]. Entrevistador: João de Almeida. Tangará da Serra: Rádio Pioneira. 2001. Entrevista concedida a Rádio Pioneira.

CASAGRANDE, Iracema da Silva Machado. Iracema da Silva Machado Casagrande: depoimento [fevereiro 2006]. Entrevistador: Carlos Edinei de Oliveira. Tangará da Serra: UNEMAT. 2006. (2:48:17 min.). Entrevista concedida ao Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral (NUDHEO).

CASAGRANDE, Iracema da Silva Machado. Iracema da Silva Machado Casagrande: depoimento [julho 2014]. Entrevistadora: Kátia Maria Kunntz Beck. Cuiabá: IE/UFMT. 2014. (0:13:17 min.). Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa em História da Educação e Memória (GEM).

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações.* Lisboa, DIFEL: Rio de Janeiro: Beltrand Brasil S.A, 1990.

_____. *Palestra Pouvoirset limites de lanotion de representation* proferida pelo professor Roger Chartier em 7 de maio de 2010 no *Colloque franco-allemand "Representation/ Darstellung"*, realizado pelo *Institut Historique Allemand* de Paris. Traducao de Andre Dioney Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. UFVG, 2011.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história.* Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção história e historiografia).

KUHLMANN JR, Moysés. *Infância e educação infantil*: *uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

NÓVOA, António. *O espaço público da educação: imagens, narrativas e dilemas. In Espaços de Educação, Tempos de Formação.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 237-263, 2002.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. *Migração e escolarização*: história de instituições escolares de Tangará da Serra - Mato Grosso - Brasil (1964 -1976). 2009. 335f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

VILALVA, Walnice Aparecida Matos; MIYAZAKI, Tieko Yamaguchi. *Fios de memória. Pioneiros de Tangará da Serra*, Cáceres: UNEMAT Editora, 2013.

BIBLIOGRAFIA

Documentos

Ata de Criação da Escola Rural Mista Municipal Santo Antônio. Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral de Tangará da Serra (NUDHEO-TS), 1965.

Caderno de Poemas Iracema da Silva Machado Casagrande, habilitação em Magistério, Projeto Logos II – 1981/1982.

ROUGE. *Nunca deixe de sonhar.* Remixes, 18faixas, 2003.

TEIXEIRINHA. *O Colono*. Popularidade, 14 faixas, 1999.

TIÃO CARREIRO & PARDINHO. *A mão e o tempo.* Sucessos de ouro, 24 faixas, 2002.

_____. *Cuiabá.* Sucessos de ouro, 12 faixas, 2002.

Recebido em: 21/07/2015
Aprovado em: 26/08/2015